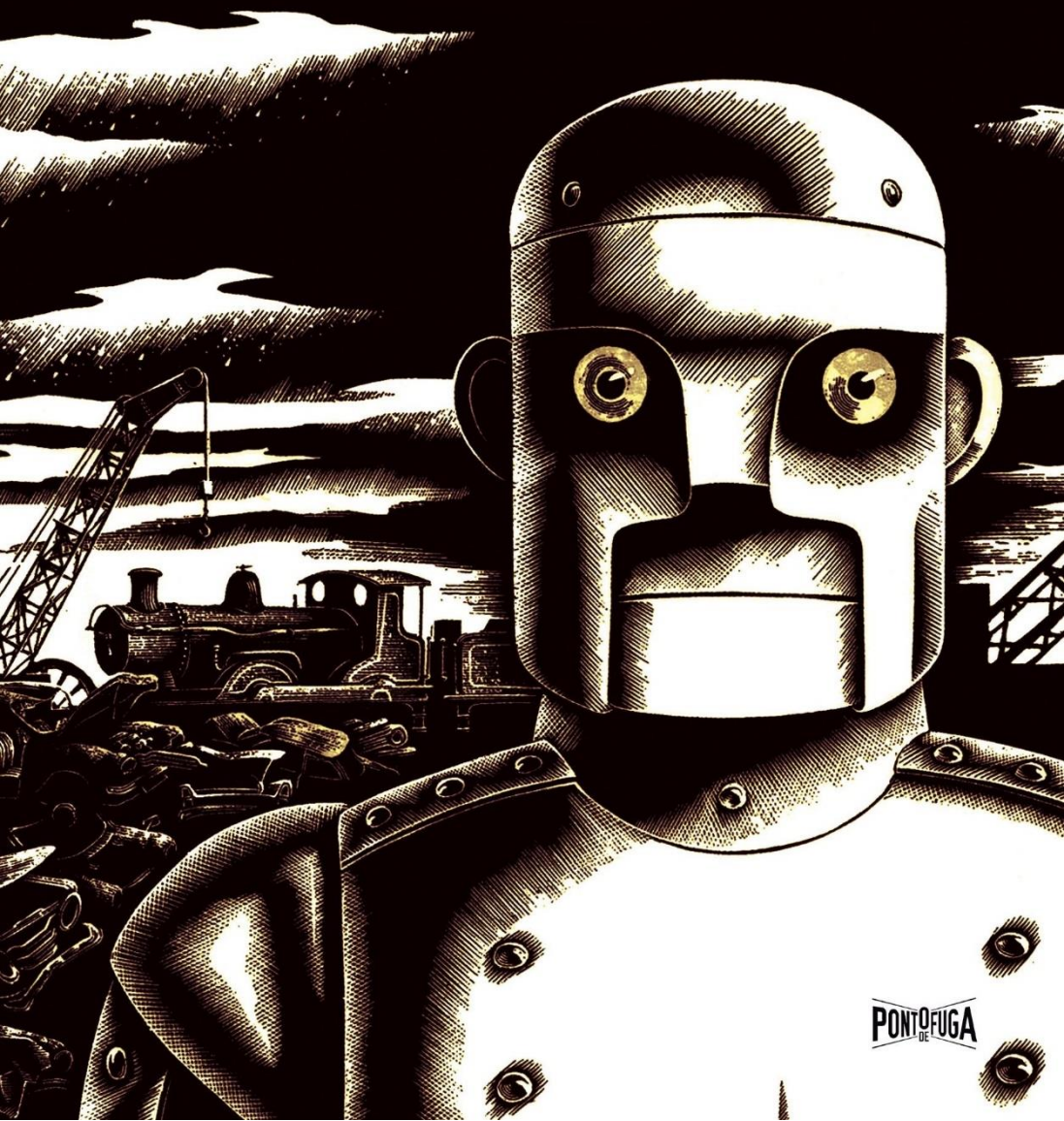


Ted Hughes

O Homem de Ferro

Ilustrações de Andrew Davidson



PONTO DE FUGA

Ted Hughes

TÍTULO

O Homem de Ferro

AUTOR Ted Hughes

TÍTULO ORIGINAL *The Iron Man*

TRADUÇÃO Sara Vieira

ILUSTRAÇÕES Andrew Davidson

REVISÃO LITERÁRIA Margarida Vale de Gato

REVISÃO LINGUÍSTICA Nuno Quintas e Vladimiro Nunes

COMPOSIÇÃO E PAGINAÇÃO João Paulo Oliveira

ISBN 978-989-99759-4-1

IMPRESSÃO E ACABAMENTO a Persistente — artes gráficas

1.ª Edição | maio de 2018

Reservados todos os direitos

© 1968 The Estate of Ted Hughes

Ilustrações © 1985 Andrew Davidson

© 2018 Ponto de Fuga, para a presente edição

Rua de Ponta Delgada, 58-B, 1000-244 Lisboa

Telefone: 215 929 604 | www.pontodefuga.pt

Este livro adota o Acordo Ortográfico de 1990

PONTO
DE
FUGA

Ted Hughes

O Homem de Ferro

Ilustrações de *Andrew Davidson*

PONTO DE FUGA

1

A chegada do Homem de Ferro

O Homem de Ferro chegou ao cimo do penhasco.

Andou desde longe? Não se sabe. De onde terá vindo? Não se sabe. Como foi feito? Não se sabe.

Mais alto do que uma casa, o Homem de Ferro ergueu-se no cimo do penhasco, mesmo na ponta, no negrume.

O vento uivava por entre os seus dedos de ferro. A sua enorme cabeça, em forma de lata de lixo, mas do tamanho de um quarto de dormir, rodou lentamente para a direita, rodou lentamente para a esquerda. As suas orelhas de

ferro rodaram para cá, rodaram para lá. Estava a ouvir o mar. Os seus olhos, como dois faróis, emanavam uma luz branca, a seguir vermelha, a seguir infravermelha, analisando o mar. O Homem de Ferro nunca tinha visto o mar.

Balançava ao vento forte que lhe empurrava as costas. Balançava para a frente, mesmo na ponta do profundo penhasco.

E o seu pé, o seu enorme pé direito de ferro, ergueu-se: para cima, para a frente, para o espaço, e o Homem de Ferro deu um passo em frente, para lá do penhasco, para o vazio.

PRRAAASSSSH!

De pernas para o ar, o Homem de Ferro tombou pelo penhasco abaixo.

PRASH!

PRASH!

PRASH!

De rocha em rocha, de cepo em cepo, ia resvalando devagar. E, à medida que batia e batia e batia...

As suas pernas de ferro saltaram-se.

Os seus braços de ferro desencaixaram-se e as mãos desencaixaram-se dos braços.

As suas grandes orelhas de ferro saltaram-se e os olhos saltaram-se.

A sua enorme cabeça soltou-se.

As peças soltas tombaram, espalharam-se, bateram, chocaram, caíram com clangor até à praia de rochas em baixo ao longe.

Um quantas pedras rolaram com ele.

E depois

Silêncio.

Apenas o som do mar, mastigando a orla da praia rochosa onde, a perder de vista, jaziam as peças espalhadas do Homem de Ferro, silenciosas e inertes.

Apenas uma das mãos de ferro, junto a uma velha bota de pescador comida pelo mar, aninhada na areia, acenou com os dedos durante algum tempo, como um caranguejo de barriga para o ar. Depois ficou quieta.

Enquanto as estrelas davam a volta ao céu e o vento puxava as ervas no topo do penhasco e o mar fervia e ribombava.

Ninguém soube que o Homem de Ferro caíra.

A noite passou.

Mesmo antes da aurora, enquanto se azulava a escuridão e as formas das rochas se separavam umas das outras, duas gaivotas a grasnar sobrevoavam as rochas. Aterra-ram num pedaço de areia. Tinham dois bebês num ninho no penhasco e agora procuravam comida.

Uma das gaivotas levantou voo — aaaaaaiu! Avistara qualquer coisa. Deslizou baixinho sobre as rochas pontiagudas. Aterrou e pegou em algo. Algo brilhante, redondo e rijo. Era um dos olhos do Homem de Ferro. Levou-o de volta à sua companheira. Ambas olharam para aquela coisa esquisita. E o olho olhou para elas. Rolou de um lado para o outro, observando uma das gaivotas e depois a outra. As gaivotas, cismando naquilo, pensaram que era uma espécie esquisita de amêijoia, a espreitar de dentro da sua concha.

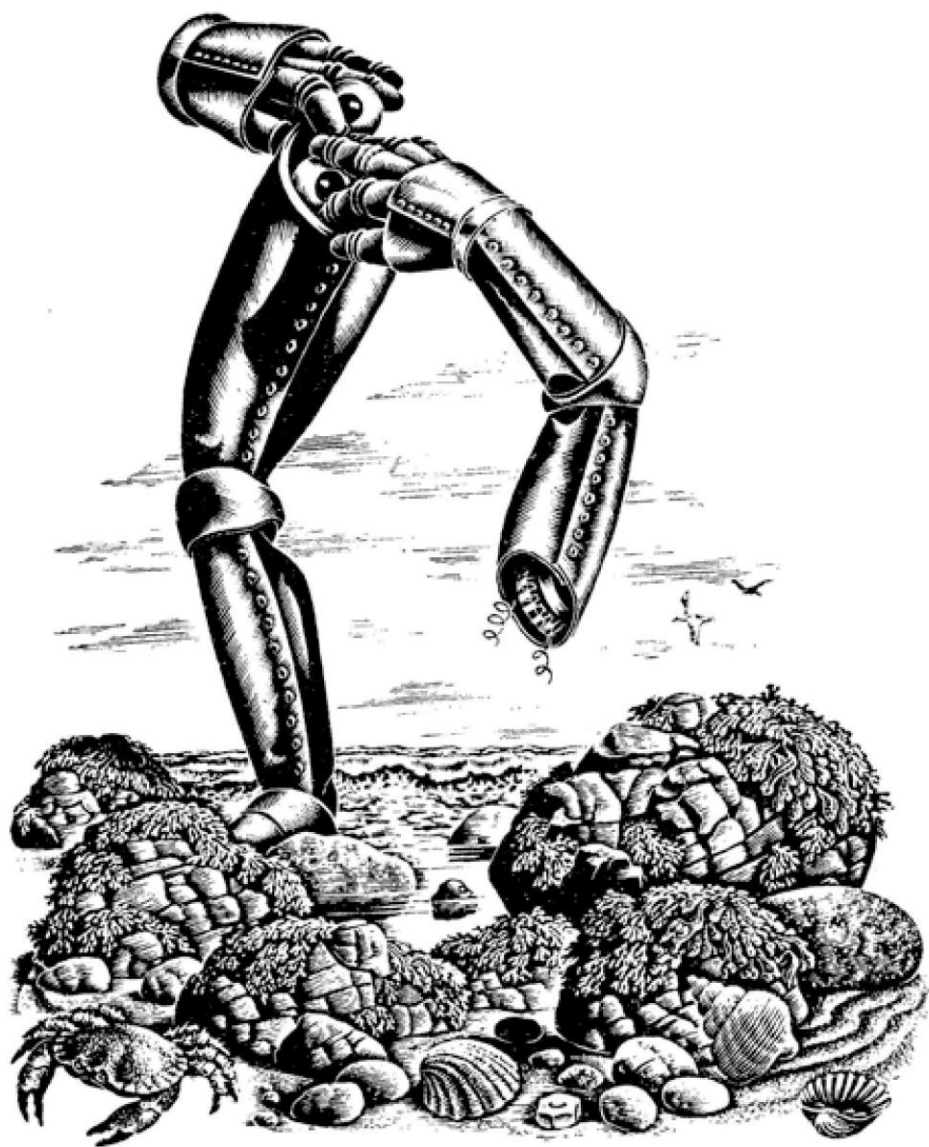
Então, a outra gaivota levantou voo, andou às voltas e aterrou e pegou em qualquer coisa. Uma coisa estranha e pesada. A gaivota desceu lentamente ao rés dessa coisa pesada e arrastou-a. Finalmente, largou-a ao pé do olho. A nova coisa tinha cinco patas. Mexia-se. As gaivotas pensaram que era uma espécie esquisita de caranguejo. Acharam que tinham encontrado um caranguejo esquisito e uma amêijoia esquisita. Não sabiam que tinham

encontrado o olho do Homem de Ferro e a mão direita do Homem de Ferro.

Mas assim que ficaram lado a lado, o olho olhou para mão. Dele irradiou uma luz azul. A mão levantou-se sobre os três dedos e o polegar, e curvou o indicador como um nariz em gancho. Apalpou terreno. Tocou no olho. Feliz, pegou no olho e aconchegou-o debaixo do dedo médio. O olho arregalou-se entre o polegar e o indicador. Agora a mão conseguia ver.

Olhou à sua volta. Depois lançou-se a uma das gavotas espetando-lhe nela o dedo firmemente esticado, e depois lançou-se à outra e espetou-lhe o dedo também. As duas aves debandaram para o vendaval com um grito assustado.

E devagar, a mão foi a gatinhar sobre as pedras, à procura. De súbito, correu para a frente, agarrou numa coisa e puxou-a. Mas essa coisa estava presa entre duas rochas. A coisa era um dos braços do Homem de Ferro.



Por fim, a mão largou o braço e continuou de um lado para o outro a examinar as rochas, até que parou, e tocou nalguma coisa ao de leve. A coisa era a outra mão. Esta nova mão levantou-se e enganchou um dos seus dedos no mindinho da mão com o olho, deixando-se levar. Então as duas mãos, a que era capaz de ver guiando a cega, a caminhar sobre as pontas dos dedos, voltaram juntas ao braço e soltaram-no em conjunto com um esticão. A mão do olho encaixou-se no pulso do braço. O braço ergueu-se e caminhou sobre a mão. A outra mão enganchou-se como dantes e este estranho trio continuou à procura.

Um olho! Lá estava ele, mudo, a piscar ao lado de um seixo branco e negro. A mão capaz de ver entalou o olho na mão cega e já as duas podiam ver. Largaram a correr pelo meio das rochas. Pouco depois encontraram uma perna. Saltaram para cima da perna e a perna seguiu aos pulos por cima das rochas, com o braço a baloiçar. A outra mão, que por

sua vez se agarrara ao cimo da perna, virava-a para cá e para lá, como um cavaleiro a guiar o seu cavalo.

Logo depois encontraram outra perna e o outro braço. Então as mãos, cada uma com o seu olho na palma e um braço ao dependuro do pulso, cavalgaram, pernetas, para lados distintos da praia. Pula, pula, pula, lá foram elas, observando atentamente as rochas. Uma das mãos encontrou uma orelha ao mesmo tempo que a outra encontrou o gigantesco torso. Então, as atarefadas mãos encaixaram as pernas no torso, depois os braços, cada uma das mãos encaixando a outra, e o torso ergueu-se com pés e mãos mas sem cabeça. Vagueou pela praia com os olhos nas mãos, à procura da cabeça perdida. Por fim, lá estava ela: sem olhos, sem orelhas, aninhada num monte de algas vermelhas. E, num abrir e fechar de olhos, o Homem de Ferro já tinha a cabeça posta, e os olhos no lugar, e tudo no lugar, exceto uma das orelhas. Deambulou pela praia à procura

da orelha perdida, enquanto o Sol se erguia sobre o mar e o dia despertava.

As duas gaivotas estavam pousadas no seu parapeito, no alto do penhasco. Observavam o gigantesco homem, a andar para a frente e para trás nas rochas em baixo. Na laje do parapeito, ao meio delas, com o ninho, descansava uma enorme orelha de ferro. As gaivotas não a conseguiam comer. Os seus bebés não a conseguiam comer. Lá estava ela, no parapeito do penhasco.

Em baixo, o Homem de Ferro procurava.

Finalmente parou, e olhou para o mar. Estaria a pensar que o mar lhe roubara a orelha? Estaria a pensar que a maré subira enquanto ele estava espalhado aos bocados, e descera de novo levando a orelha consigo?

Caminhou em direção ao mar. Caminhou para a rebentação, e aí ficou durante algum tempo, as vagas salpicando-lhe os joelhos. Depois caminhou mais fundo, e mais fundo, e mais fundo.


As gaivotas levantaram voo e pairaram pouco acima da enorme cabeça de ferro, que agora

se movia lentamente na ondulação. Os olhos refulgiam, vermelhos, à altura das cristas das ondas, até que uma onda maior os cobriu e sobre a cabeça só se viam salpicos de espuma. A cabeça ainda se movia submersa. Por instantes, os olhos e a cabeça ainda apareceram num intervalo nas ondas. Os olhos estavam agora verdes, até que o mar os cobriu, bem como à cabeça.

As gaiivotas voaram em círculos ao rés da linha de bolhas que continuava a sua lenta marcha até ao alto mar.



CONTINUA...



Reconhecido sobretudo como um dos maiores poetas ingleses do século xx, Ted Hughes (1930–1998) foi também um prolífico e inspirado escritor para a infância, tanto em verso como em prosa. Originalmente publicado em 1968, *O Homem de Ferro* é uma aventura de ficção científica — que inspirou Brad Bird a realizar, em 1999, a animação *O Gigante de Ferro*, hoje um filme de culto —, imaginada e escrita como só um grande poeta seria capaz. Delicada na forma, incisiva na mensagem e com belíssimas ilustrações em xilogravura do artista britânico Andrew Davidson (n. 1958), esta é uma história para encantar as crianças e entreter os adultos.

«Um dos grandes contos de fadas modernos.»

Observer

«Nunca Ted Hughes escreveu de forma tão envolvente.»

The Times



www.pontodefuga.pt